

PORQUÊ, COMO E QUANDO PORTUGAL DEIXOU A CULTURA ITALIANA

Portugal, compreende-se, nunca deixou por completo — especialmente nos seus melhores elementos, nos seus estudiosos isolados — de atentar na Itália e na cultura italiana. Desnecessário se torna dizer que os grandes nomes, Dante, Petrarca, Machiavelli, sem contar com os artistas e mórmente os músicos, e as épocas históricas da nossa vida intelectual, tudo isto se encontra facilmente e a meude nas páginas dos escritores portugueses de ontem e de hoje, até mesmo na prosa corrente dos jornalistas; mas apenas como simples notícias, que qualquer pessoa culta não pode ignorar: nomes e nada mais.

Também os assuntos técnicos, especialmente de direito, de medicina, de engenharia, encontraram e encontram sempre estudiosos e admiradores lusitanos. Mas a verdadeira e própria corrente de intercâmbio cultural, aquela profunda correspondência intelectual, a fôrça viva que alimenta idéias, sentimentos, e cria afinidades, e irmana e cimenta os povos entre si, pode dizer-se que cessou de todo há muitos anos. Talvez não tenha existido mais do que na época quinhentista, desde a volta de Sá de Miranda à pátria até à entrada do espanhol Filipe II em Portugal, isto é, sòmente naquele período da história literária lusitana que toma justamente o nome de *escola italiana*, porque depois o «Seiscentismo» foi um movimento europeu e mesmo a Arcádia, nascida em Roma, chegou a Portugal indirectamente, a ponto de nem mostrar as próprias origens.

Em todo o caso Metastasio e Goldoni tiveram os seus decênios de popularidade e até mesmo Alfieri; e, quanto à ati-

tude clássica da literatura portuguesa entre os fins do século XVIII e os primeiros decênios do XIX, pode dizer-se que, conquanto se trate de um classicismo absorvido não directamente da Itália mas através da imitação francesa, estabelece mesmo assim a aparência de um laço entre as duas culturas. O repertório mitológico, as formas métricas, a fraseologia clássica, a atmosfera são as mesmas. Até sòmente como pátria de origem, a Itália é sempre presente e respeitada. ⁽¹⁾.

Mas já na segunda metade do «século das luzes» a verdadeira cultura é outra. Irrompe da França a *Enciclopédia*, torrente de idéias que deixa subsistir a literatura mas a relega para o lado, justamente à maneira das ilhas pacíficas, perfeitamente inúteis, entre as águas de uma ribeira.

A poesia, sempre mais ociosa, já não conta na vida da nação. Ao contrário da literatura, é o pensamento científico, social e filosófico o que conta: crítico e agitador. Depois, naturalmente, a Revolução. Desde esta hora é a França que domina e ensina; e isto persiste mesmo quando a França caminha de etapa em etapa, para a desorganização. Portugal seguiu-a fiel, afectuoso, em todos os seus movimentos literários e artísticos de decadência até ontem, até à ruína da França. Por sorte houve quem providenciasse, a certa altura, no sentido de destacar Portugal do movimento político francês, da assim chamada democracia, a salvar Portugal.

Aqui aparece novamente a Itália.

*

O primeiro fruto da influência parisiense no campo da poesia foi naturalmente o Romantismo, que Portugal — como a Itália — não recebeu da Alemanha. Há também uma Madame de Stäel

⁽¹⁾ Os contactos com a literatura italiana ficaram na elite culta e apurada: aquela classe que será logo arrastada pelas revoltas políticas e não mais contará. Cfr. HERNANI CIDADE, *Ensaio sobre a crise mental do século XVIII*, Coimbra, 1929. O trabalho foi agora remodelado, com o título: *Lições de cultura e lit. port.*, Lisboa, 1940.

lusitana, a Marquesa de Alorna ⁽¹⁾. E compreende-se que a Itália, politicamente por terra e literariamente também tornada imitadora, não pudesse exercer influências. É certo que a imitação do Romantismo estrangeiro entre nós foi breve; logo a seguir o nosso Romantismo tornou-se rebelião contra o cativo estrangeiro, esforço de reconstrução nacional; mas justamente por isso — ligado às vicissitudes particulares da nossa pátria, bastante diversas das de Portugal — devia ficar estranho a este, mesmo admitindo que conseguisse chegar até à foz do Tejo. Bastava a França para Portugal, o qual não tinha vontade nem maneira de ocupar-se de nós. O único que teve uma certa nomeada — quem sabe porquê — foi Prati, em verdade poeta demasiadamente minúsculo. Assim, mesmo passados vários decênios, a turba literária não repara num Leopardi, num Foscolo e, nem mais tarde, num Carducci: poetas de importância universal, superiores ao simples movimento político, criadores de novas formas literárias, que tinham podido ser mestres melhores que Victor Hugo e Lamartine. Mas, talvez mesmo se Manzoni, Leopardi e Foscolo tivessem sido largamente introduzidos em Portugal pelos meados do século (um ou outro escritor os conheceu mais ou menos), não teriam agradado, porque esse período encontrava a intelectualidade enfatuada de problemas, envolvida numa atmosfera especial que a Itália ignorou. Talvez Carducci; mas quando muito o Carducci faccioso dos *Jambos e Epodos* e dos *Levia Gravia*, porque depois — quando foi verdadeiro poeta, das *Rimas Novas* e das *Odes Barbaras*, isto é entre 65 e 85 — foram mesmo os anos do maior movimento espiritual português, tudo diferente do nosso, e mais que nunca de influência gaulesa ⁽²⁾.

⁽¹⁾ V. HERNANI CIDADE, Prefácio às *Poesias da Marquês de Alorna*, Lisboa, 1941.

⁽²⁾ Tudo isso, porém, não é de maravilhar, porquanto sabe-se que a França hábilmente soube substituir-se à Itália em todos os domínios, assimilando-lhe as suas conquistas: até na arte culinária... Cfr. CH. SEIGNOBOS, *Histoire de la France Contemporaine*, Paris, 1921.

Este movimento é chamado pelos historiadores da literatura com o nome complexo de *Realismo*; mas em verdade o termo adapta-se apenas a uma parte dêle, a uma segunda época (de 75 a 90) representada pelos fortes romances de Eça de Queiroz que sem «*Madame Bovary*» e sem Zola teriam saído diferentes. Mais importante como desenvolvimento de idéias foi o primeiro período, em volta de 1865, isto é a chamada «geração de Coimbra»: Antero de Quental e Teófilo Braga, dois estudantes da Universidade, os quais começaram a ser, e foram depois sempre, em Portugal, os agitadores de idéias, os apóstolos de novos ídolos literários, filosóficos e políticos. Todos ídolos franceses, apesar das repetidas declarações de germanismo e de hegelismo de Antero. Num famoso opúsculo intitulado *Bom senso e bom gosto* que este último arremessou contra o velho e autorizado escritor romântico Castilho, afirmava-se, antes de tudo, a necessidade para os jovens de freqüentarem a escola do estrangeiro para poderem competir com êle. E o estrangeiro queria dizer, em boa confusão, Proudhon, Michelet, Hugo, Quinet, Taine, Comte, etc., etc. Isto é, todo um programa anti-religioso, positivista, materialista, muito vago, um tanto apocalíptico, como sempre será depois. A segunda geração de Coimbra, formada também logo a seguir pelos estudantes poetas João Penha e Guerra Junqueiro, não faz senão acrescentar novos nomes franceses e nova confusão. Porque o que é mais estranho é que (e demonstrou-o um crítico insuspeito, um francês) o conhecimento dos mestres gallicos foi o mais superficial possível ⁽¹⁾. Até mesmo Guerra Junqueiro, por todos chamado o Hugo português, e que, sem dúvida, conheceu melhor do que os seus companheiros de então e subsequentes o autor da *Légende des Siècles*, ficou à superfície, no exterior, e reproduz-lhe só os defeitos. «En ce sens on peut dire que ce qui est le plus proche de Hugo dans l'œuvre de Junqueiro, bien qu'ayant joui d'une célébrité bruyante et immediate,

⁽¹⁾ PIERRE HOURCADE, *Guerra Junqueiro et le problème des influences françaises dans son œuvre*. Paris, Les Belles-lettres, 1932. É um estudo sério, honesto e penetrante.

est aussi ce qu'il y a de moins personnel, de moins portugais: disons le mot, d'inferieur».

*

Esta superficialidade, no conhecimento dos poetas e pensadores franceses, teve um estranho efeito: tornou-os mais venerados, mais autorizados. Impediu, de facto, a possibilidade de crítica, o verdadeiro juízo que reduz as proporções e evita a idolatria. Antero e Teófilo afirmavam, e os outros acreditavam piamente: não tanto por preguiça mental como por ânsia de novidade, por necessidade de ter idéias, por desejo de utilizar a viva inteligência e de desafogar a plenitude do sentimento. Foi uma bela e apaixonada geração aquela; e a Pátria tinha necessidade de uma nova vida. Demasiados acontecimentos dolorosos a tinham atormentado e até a literatura — o Romantismo — tivera a sua parte de culpa.

Braga, tendo-se estreado como poeta, transformou-se quasi logo em informador diligente e entusiasta de idéias estrangeiras, em exaltador de escritores franceses que propõe como modelos de arte e de vida aos seus companheiros. Publica longos ensaios sobre Victor Hugo, Balzac, Michelet, Comte, em tom comovido, impressionante: «Victor Hugo é o poeta da humanidade, o vidente da justiça, uma das verdadeiras formas de poder espiritual novo que tem de reger o mundo». E Balzac? «O pobre Balzac trabalhava na sombra; escrevia e rasgava... Apresentou a realidade, a verdade e a vida. Vemos hoje êsse triunfo e achamos natural, sem atender a que resultara de vinte e sete anos de luta constante sem repouso contra a crítica malévola, contra especulação dos livreiros, contra o que por todas as formas punha em dúvida o seu talento» ⁽¹⁾. Assim Braga continua, dramatisando as vicissitudes da sua vida, comove-se com as suas lutas, faz deles um retrato ideal, de homens cheios de todas

as perfeições e de todas as bondades, fá-los entrar no coração dos jovens portugueses, donde não sairão mais. «Solitário, no meio da grandeza de Paris, pobre e desesperado, Balzac viu-se no vigor dos anos debaixo do egoísmo de uma sociedade grande e teve, como Robinson, de inventar tudo para si. Ninguém trabalhou com mais boa fé, ninguém lutou com menos esperança». E por consequência, hinos à França, com a qual começaram as relações afectuosas, as mais duradouras: «Os novos sabem o que devem ao vulto que representa a França no que ela tem de mais generoso e que por isso concentra a hegemonia da civilização moderna; a França que universaliza as idéias, a França que se regenera pelas instituições democráticas, a França que fecundou todas as literaturas novo-latinas, ensinando como se idealizam os sentimentos mais sublimes do homem, a generosidade e o amor, nas suas epopeias e nas suas conções... essa França que todos nós amamos como o centro da civilização ocidental» ⁽¹⁾.

É preciso não sorrir, mas compreender com simpatia esta juventude intelectual portuguesa, que sente despertar a própria consciência e vai em busca de ideais. «Que precisamos nós? pergunta a si própria. — Onde está a causa do marasmo da nossa sociedade? Na falta de idéias, que são o estímulo de todo o movimento». Tudo, portanto, está bem desde que traga idéias novas. «Todo o que tenda a êste fim é bem-vindo: a poesia revolucionária, satânica, baudelairiana, ou filosófica; o drama de combate, o romance de um realismo pessimista, o ensaio humorista da crítica de costumes e das individualidades preponderantes, o livro de história apaixonada, a síntese filosófica embora prematura, tudo é preciso para chamar o sangue à periferia dêste corpo apático da nossa sociedade católica monárquica».

Cá estamos. Descobre-se o verdadeiro fim do movimento dos novos: é um fim político, deriva de um descontentamento de regimen, na sincera ilusão de que se tratasse somente de uma

⁽¹⁾ TEÓFILO BRAGA, *As modernas ideias na literatura Portuguesa*, Porto, 1892. Vol. I, pág. 299, 318 e 323.

⁽¹⁾ BRAGA, obra citada, pág. 306. Há até a substituição dos grandes italianos pelos novos franceses; v. pp. 348, 361 e *passim*.

renovação literária. Mas é fácil perceber, desde o princípio, qual seria a mola secreta; e essa descoberta está desde Maio de 1871 no programa das famosas conferências do *Casino Lisbonense*, chamadas abertamente *Conferências democráticas*, que tinham, entre outros objectivos bastante vagos, o de «estudar as condições de transformação política, económica e religiosa da sociedade portuguesa». Foi bem justificado o receio do governo de então que as proibiu logo à terceira...

Imediatamente o movimento, de literário fêz-se político porque nascia de um descontentamento político. Os males da poesia são considerados como derivações da «falta de sentimento nacional» — frase que significa, na intenção de quem a emprega, aquiescência à monarquia reaccionária, incapacidade de unir-se a combater pela liberdade republicana. Em boa fé, os jovens rebeldes falam de Pátria, de sentimento patriótico que é necessário fazer despertar no povo; mas, visto que tinham de combater a monarquia, e o inimigo tradicional de todos os absolutismos depois da Revolução Francesa, o único remédio julgado possível parecia então a *democracia*, vá de fazer-se uma contínua passagem de palavras entre Pátria e Democracia e vice-versa. E eis como alguns escritores dos finais do Romantismo e ao mesmo tempo os novos das duas gerações de Coimbra, entraram quasi sem dar por isso nas lutas partidárias.

«O sentimento da Pátria estava extinto nos espíritos; a história desta ultrajada nacionalidade caíu no completo esquecimento... Nesta crise, uma revivescência literária dependia de uma renovação de princípios políticos. É por isso que os escritores de mais talento da época ultra-romântica, como Latino Coelho, acharam-se por uma evolução normal propagandistas da democracia» (1).

(1) BRAGA obra citada, vol. I, pág. 111. Inútil é dizer que as conseqüências não foram felizes para a literatura, especialmente para a história literária, porque os juízos críticos sobre os escritores vieram deformados pela paixão política. Daí as injustas críticas de Braga sobre Herculano, Camilo e até sobre o seu companheiro Antero de Quental, quando as ideias os separaram. O ajuste de contas devia vir um dia com uma vio-

A monarquia de Bragança, coitada, tinha procurado ir ao encontro das novas exigências dos povos, fazendo-se constitucional; mas compreende-se que isto não bastava aos novos já tornados republicanos e socialistas. É interessante ver T. Braga irromper com muita razão contra aquilo que mais tarde será a grande arma da própria democracia, o parlamentarismo, mais do que contra o constitucionalismo e o regimen liberal — confusão que só os tempos recentíssimos esclareceram. Se êle e os seus amigos tivessem podido ver o que sucedeu e que ainda sucede!

Como quer que fôsse, o certo é que num momento tão delicado os franceses puderam ocupar os primeiros lugares, enquanto nós estávamos como que mortos para os descendentes de Camões. Visto que as idéias democráticas eram de fábrica parisiense, tudo será bebido da França. Para mais esta avançara no momento em que Portugal estava agastado com a Inglaterra, se sentia humilhada e ofendida pelas suas muitas imposições; pelo contrário, os franceses tomavam a defesa dos seus direitos e os melhores acorriam a Portugal, exaltavam o seu povo e a sua literatura, mostrando querer inserir esta última no quadro das literaturas europeias: «J'ai vu moi même — escrevia Edgar Quinet dedicando um estudo especial a *La France et la Sainte Alliance en Portugal* (1) — j'ai vu moi même sur les lieux ce travail des esprits. Sans qu'il fût besoin d'être grand prophète, j'ai annoncé que cette conspiration de tous les coeurs, de toutes les intelligences, ne manquerait pas d'éclater; qu'une si ferme volonté de renaître se marquerait prochaine-

lenta reacção à obra de T. Braga; e veio de facto, conquanto bastante tarde de forma acabada. Veja-se sobretudo o livro de RICARDO JORGE, *Contra um plágio de Teófilo Braga* (Lisboa, 1918), verdadeiro libelo contra a «pedantocracia» teofilesca. Aí transparece ainda um desejo de libertar-se dos ídolos franceses e de defender a originalidade e a independência da literatura «peninsular» (V. pág. L, nota). Não é sem significado o uso que R. Jorge faz de citações italianas.

(1) Nas *Oeuvres complètes*, Paris, Pagnerre, 1858, vol. X, pág. 58-59.

ment par des actes publics; que cette littérature n'était pas une oeuvre d'académie, mais un cri d'espérance, qu'elle s'accordait trop bien avec les instincts de la foule pour ne pas concourir à ranimer ce peuple, à moins qu'il ne se trouvât à point quelque grand meurtrier pour l'assassiner au préalable» etc., etc.

Um estrangeiro ilustre que escreve assim de Portugal é destinado a ser amado para sempre e a fazer para sempre amar o próprio país de origem; e não importa que o real conhecimento que Quinet possuía dos escritores lusitanos fôsse muito superficial, tanto que («por ignorância», diz justamente o inglês Bell) chegou a pronunciar a famosa *boutade*: que a literatura portuguesa é formada por um só poeta e por um livro apenas ⁽¹⁾. O *bon mot* irreverente e injusto seria de molde a queimar a pele e a fazer saltar de indignação todos os portugueses; mas soube-se já quando a um francês tudo era permitido. E quasi ninguém se indignou.

*

Não é difícil ver como, pouco a pouco, aos grandes italianos mortos se substituem os novos ídolos franceses vivos ou recentes, numa obra de demolição contínua, a ponto de Guerra Junqueiro, na sua final ao poemeto *A morte de D. João*, chegar a dizer que Hugo é superior a Dante. Revelam-se e difundem-se as concepções contrárias a nós, como a de Chateaubriand sobre a decadência de Roma e da civilização antiga. Até se nos atira contra a Casa de Saboia, acusando-a de haver redimido a Itália pela vontade de tirania, e contra Carlos Alberto sobre quem se torna a pôr em luz a invectiva de Byron pela sua «traição» de 1821. Uma curiosa excepção faz Vico, o acerbo filósofo tão ignorado ainda na própria Itália. Os mais cultos moços de Lisboa e de Coimbra pronunciam de boa vontade o seu nome e torna-se num dos seus mestres; mas é um Vico passado através

(1) AUBREY F. G. BELL, *A literatura portuguesa* (História e crítica). Coimbra, 1931, pág. 10.

de Michelet, apreciado justamente porque o apreciam os franceses e tão mal compreendido na substância, que a sua filosofia aparece perfeitamente em regra com... o positivismo ⁽¹⁾. Por outro lado a reverência para com os poetas italianos — os dos velhos séculos — não desaparece de todo e de vez em quando explode ainda nos apóstolos das novas idéias: Antero que em Coimbra traduz episódios da *Commedia*, admira Dante (como depois contou T. Braga) tanto para imitar até mesmo nas atitudes exteriores o selvático desterrado florentino, exalta a Itália numa poesia: ⁽¹⁾

Itália e Portugal! Que duas pátrias!
Ambas tão belas, tão amadas ambas!
Uma a pátria do bérço; outra das almas;
Uma a das artes, outra a dos combates!

Oh! Deixai que hoje aqui sôbre o meu peito
As estreite afinal! Há quanto tempo
Eu quisera juntar-vos, belas frontes,
Beijar-vos bem unidas, soluçando
Como quem, tendo pai, mãe encontrasse.

Seria também fácil e divertido descobrir qual é o ponto de sutura, de passagem de um a outro influxo, passagem que se encontra melhor em Almeida Garrett e em Alexandre Herculano, ainda suspensos entre a tradição clássica e a decidida imitação francesa. Garrett nas *Viagens na minha terra*, lamenta: «Ora bem; vai-se aos figurinos franceses de Dumas, de Eugenio Sue, de Victor Hugo, e recorta a gente de cada um dêles as figuras que precisa, grudando-as sobre uma fôlha de papel de côr da moda»; e entretanto, êle que nunca esteve na Itália, lança ridículo às mãos cheias sobre os italianos e sobre os seus costumes, pela boca de Pero Safio, personagem da comédia *Auto de*

(1) Cfr. BRAGA, obra cit., vol. I, pág. 363 e 399.

Gil Vicente ⁽²⁾. Dado o valor de Garrett e a popularidade do seu teatro, a designação não fez decerto bem à Itália, contribuiu para tirar-lhe simpatia na própria massa lusitana, e a polarizá-la ainda mais sobre os franceses. Quanto a Herculano, basta por um lado a sua admiração por Machiavelli, Ariosto, Tasso, e pelo outro a severa apreciação que ele fez de Balzac, referida por Amorim Vianna em *Memórias de Madame Lafarge*: «Um escritor cuja reputação tem crescido com a corrupção do século, o rebaixamento dos espíritos, o desfalecimento dos brios no público».

Depois os ultraromânticos e em maior escala os realistas — como disse — caíram a fundo sobre a admiração gálica; naturalmente os escritores realistas não se aperceberam de serem imitadores, e num certo sentido não o foram, dada a genuína força viva do movimento naturalista francês, coincidente com o seu movimento político e espiritual.

É preciso reconhecer também que, graças ao contacto com a França, na segunda metade do século dezenove entraram em Portugal quantidades e quantidades de idéias: discutíveis, confusas, nebulosas mas de grande eficácia como incitadoras dos intelectos que produziram um admirável despertar. Além do valor artístico de um Antero e de um Eça de Queiroz, Portugal dá naquele período o espectáculo de um povo vivo em pleno fermento intelectual, em linha com o movimento europeu. Pena é que fossem idéias destrutivas as quais contribuíram para dar ao país aquêle doloroso período que todos conhecem, de revoluções e contrarrevoluções, no qual ameaçou perecer a nobre nação ⁽¹⁾. Mas hoje é somente uma recordação longínqua.

⁽¹⁾ Para uma visão recente sobre as causas e respectivos caracteres desse período, veja-se JOÃO AMEAL, *História de Portugal*, Porto, 1940, cap. VII («Sob o signo de Caim»).

⁽²⁾ Cfr. L. DI POPPA, *Romantismo português: detractores e amigos da Itália*, a publicar brevemente na revista *Romana*, fascículo dedicado a Portugal.

*

Como se vê, esmagada pelo turbilhão da política, contou pouco a literatura, a verdadeira literatura. Todavia, havia desde os tempos de Coimbra uma corrente mais propriamente literária à qual no fundo pertencia também Antero, o Antero dos *Sonetos*, novos pelo conteúdo filosófico mas formalmente de tradição camoneana e portanto petrarquesca, clássica na sua impecabilidade, parnasiana. Sente-se nêle o conhecimento da Baudelaire, mas é preciso não esquecer que o autor das *Flôres do Mal*, sob o satanismo revolucionário é, de facto, um puro clássico que tem um prodigioso sentido verbal. Antero está-lhe a par.

Esta corrente literária que remontou ainda a João de Deus e conheceu todos os renovadores da poesia francesa até Mallarmé, produziu em 1890-91 (e era um momento justo porque sob a chicotada inglesa do *ultimatum* os melhores espíritos iam-se destacando das idéias envenenadoras) um novo movimento todo literário, separado de facto da política, o *simbolista*: Eugénio de Castro e António Nobre ⁽¹⁾. Movimento que põe realmente Portugal no círculo europeu e de novo o avizinha um pouco da Itália (d'Annunzio, Pascoli) dado que também na Itália existiu o influxo da nova poesia francesa. Isto explica um pouco o sucesso que Eugénio de Castro teve entre nós, as traduções e as suas amizades pessoais; mas foi, infelizmente, uma aproximação ocasional, de curta duração, que não bastou para estabelecer um vínculo.

Depois a poesia francesa, toda a arte francesa, seguindo a parábola e aumentando exageradamente novidades e excentricidades, entrou no pleno decadentismo. Fruto das torvas influências políticas que deviam chegar até ao fundo. Mas o bom senso lusitano, pela virtude innata da raça, impediu as coisas de irem mais longe. Não há degeneração literária em Portugal, pelo me-

⁽¹⁾ Um verdadeiro manifesto literário foi o prefácio de EUGÉNIO DE CASTRO ao seu uprimeiro livro de versos, *Oaristos* (Coimbra, 1890), seguido um ano depois de *Horas* (Coimbra, 1891).

nos importante, como pouca houve em Itália e essa mesmo por simples moda que não pega muito fundo. Quem olha as evoluções do Futurismo sabe-o bem. E por sorte, como disse, veio Salazar, isto é a completa reconstituição política e espiritual que poupou a Portugal o destino da sua amada e desgraçada França.

*

Hoje a Itália e Portugal reencontraram os valores que tinham estado abafados por todo o movimento desagregador. O individualismo agonisa. A França, vítima da sua decadência espiritual e política, vai reconquistando ela própria as bases essenciais da vida. Assim também a Espanha. Desenharam-se as condições de uma reconstituição artística humana em todos os países que um dia foram irmãos. Justo é que voltem a encontrar-se. Ninguém de nós pensa, nem por sombras, que Portugal deva renegar a França para se voltar para a Itália. Por certo renegará, pela força fatal das coisas, a falsa França e desse modo já se aproximará livremente, espontaneamente, da Itália genuína.

Então restabelecer-se-ão os profundos vínculos culturais, no fundo despedaçados por uma razão única, mais verdadeira de todas: o escasso conhecimento recíproco.

GINO SAVIOTTI

Nota. Um primeiro fecundo ponto de contacto pode nascer, na minha opinião, da necessidade que os melhores espíritos portugueses sentem de uma orientação crítica literária e artística em cujo campo a Itália tem, sem dúvida, progredido muito. Já T. Braga lamentava a falta de ideias críticas (ver especialmente obra citada, vol I, pág. 13, etc.); e FIDELINO DE FIGUEIREDO dedica as últimas páginas do seu livro *História da Literatura Realista* (Lisboa, 1924) à busca de uma filosofia da Arte, citando Croce. «Esta literatura não teve críticos... Essa falta foi prejudicial... Sem crítica, sem filosofia não é possível uma literatura» (pág. 377 e 381).